



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LINGUA
PORTUGUESA**

RAQUEL GONÇALVES MACIEL

**ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO
DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**MONTEIRO – PB
2017**

RAQUEL GONÇALVES MACIEL

**ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO
DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, *Campus* VI, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como pré-requisito para obtenção de título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Jackson Cícero França Barbosa

**MONTEIRO – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152a Maciel, Raquel Gonçalves.
Abordagem da variação linguística no livro didático de língua portuguesa [manuscrito] : / Raquel Gonçalves Maciel. - 2017.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.
"Orientação : Prof. Me. Jackson Cícero França Barbosa, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Teoria Variacionista. 2. Variação linguística. 3. Livro didático. 4. Ensino da língua portuguesa.
21. ed. CDD 371.32

RAQUEL GONÇALVES MACIEL

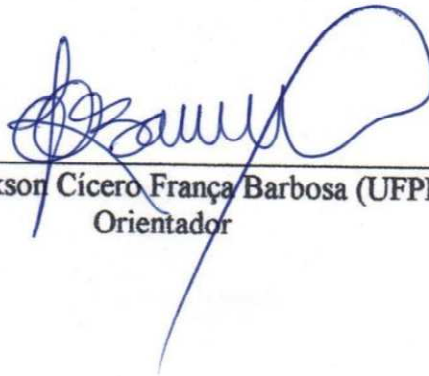
**ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, *Campus VI*, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como pré-requisito para obtenção de título de Licenciatura em Letras.

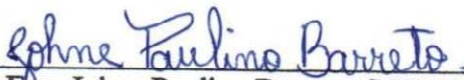
Orientador: Prof. Jackson Cícero França Barbosa

Aprovado em 06/12/2017

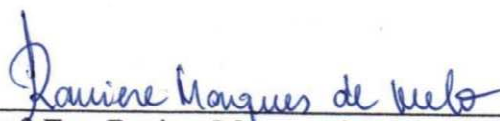
BANCA EXAMINADORA



Prof. Jackson Cícero França Barbosa (UEPB)
Orientador



Prof. Esp. Johnne Paulino Barreto (UEPB)
Examinador



Prof. Esp. Raniere Marques de Melo (UEPB)
Examinador

AGRADECIMENTOS

A caminhada é dura e cansativa, para continuá-la, é difícil. Surgem os obstáculos e temos que enfrentar etapa, uma vez que quando se deseja prosseguir, tudo se torna um incentivo íntimo. Muitas vezes, pensei em desistir, não nego, mas de onde não se espera, aparecem forças para lutar. Lutar por aquilo que sonhamos que desejamos finalmente se torna gratificante.

Foi aos poucos que fui me apaixonando pelo campo das Letras e amando a linguística como ninguém, tendo a certeza de que, enquanto for professora, poderei contribuir futuramente para formar cidadãos de bem e garantir uma boa educação. E tudo isso se tornou possível graças às pessoas que estiveram ao meu lado.

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre guiar meus passos, os meus pais Maria Da Guia e Valderi Francisco, por todo esforço e dedicação. Ao meu esposo e companheiro Beto, que desde o início esteve ao meu lado.

Em especial, meu orientador Jackson Cícero França Barbosa, pela paciência, compromisso e toda dedicação pelo meu trabalho, que apesar da distância sempre esteve presente.

Às minhas companheiras de sala Maria Lucidalva, Simone, Jandilma Freire Nazaré e Ana Paula, agradecer pela companhia durante esta jornada que se finaliza na busca pelo sucesso. O meu muito obrigado de coração a todos.

Aos professores Johnne Paulino Barreto e Raniera Marques de Melo, por constituírem, junto ao meu orientador, minha banca examinadora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 MARCO TEÓRICO	9
2.1 Os estudos acerca das variações linguísticas	9
2.2 A variação linguística no livro didático de português	13
3 ANÁLISE	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	25

ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Raquel Gonçalves Maciel¹

RESUMO

A variedade linguística está presente no Brasil de maneira a referendar a diversidade que envolve pluralidades nos falares de nossa nação. Por isso, é importante definir esta questão em sala de aula, radiografando um real uso da língua portuguesa. O presente trabalho, nesse diapasão, tem por objetivo investigar como se elucida a abordagem da variação linguística em um livro didático de português no ensino fundamental. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram precisos os estudos dos seguintes teóricos: Bagno (2001), Cardoso (2010) e Mollica (2012). Tal envergadura teórica serviu para, também, compreender melhor como está sendo trabalhado o conceito de norma culta e padrão, e quais os tipos de variações são apresentados nas propostas nesse contexto de ensino. Trata-se de uma pesquisa exploratório descritiva, pela qual se buscou mostrar uma realidade mais completa dos diferentes tipos de variações que existem no Brasil.

Palavras-Chave: Teoria Variacionista. Variação linguística. Livro didático. Ensino da língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa apresenta um universo de diversificações em suas formas e uso e nesse universo de elementos dinâmicos, a variação linguística é uma das interfaces que busca apresentar questões que nos impulsiona à reflexão do pluralismo que envolve as diferentes representações que compõe o sistema linguístico em tela, no que diz respeito aos eventos interativos o uso da língua é o objeto de discussão e este repercute, diretamente, no ensino de língua materna, em sala de aula.

Pensar, descrever e analisar a língua que falamos condiz com os anseios de uma educação linguística que visa à compreensão das diversidades impressas no idioma que falamos. Com base nisso, é importante que o professor de Língua Portuguesa esteja atento às mudanças e transformações pelas quais a língua passa, para que consiga transmitir aos seus alunos o conhecimento em relação às diversas línguas que compõem idioma vernáculo, brasileiro.

¹Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI. *E-mail:* raquel.maciel29@hotmail.com

Um dos pontos de partida para as reflexões desse trabalho refere-se ao entendimento de que atitudes curriculares e metodológicas são necessárias à promoção das posturas de acesso às informações que resultam na pluralidade linguística de nosso país. Nesse diapasão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 2000), quanto à língua portuguesa especifica que as ações metodológicas correspondentes ao terceiro e quarto ciclo, envolvem, entre outras questões, o dinamismo e o pluralismo da língua.

É importante ressaltar toda a discussão que envolve o ramo da Sociolinguística, levando em consideração o fenômeno da Variação, bem como a reflexão sobre os mecanismos originados nesse ramo aplicados ao ensino de língua materna e como esses estudos contribuirão para uma conscientização sobre o teor plural da nossa língua, viabilizando a desmistificação de posturas preconceituosas que envolvem as aditividades interacionais, por exemplo.

A escola, na maioria dos contextos educacionais, tem uma tendência de ensino tradicionalista, onde o trabalho com a língua portuguesa não é diferente. O método aplicado nas aulas de portuguesa, voga o conhecido da norma culta e padrão, sendo apresentadas como aspectos sinonímicos e revestidos de obrigatoriedade para um uso único e correto do idioma.

Neste contexto, os alunos tendem a aprender que só existe esta forma permissiva para o uso. Dessa maneira, é importante que o professor de língua portuguesa aborde contextos e situações acerca da existência de outros tipos de variação como diatópica, diageracional, diagenética, diastrática, e a diafásica.

Além desses aspectos mais pontuais, a reflexão e análise linguística envolve todo o panorama histórico e que envolve os períodos de imposição das línguas (colonização) até as formas e os elementos linguísticos que são evidentes nos usos de diversas épocas em diversos períodos isolados da história. Esta é a compreensão sobre a evolução das línguas sob os moldes diacrônicos e sincrônicos (SAUSSURE, 2012; PIETROFORTE, 2011).

O processo de imigração para o Brasil, em suas diversas nuances históricas, contribuiu para a constituição dos muitos dialetos ou Idioletos, (verificados em diversas regiões do Brasil como postula Cardoso 2010), É bem característico, diante disso, observar pessoas com sotaques diferentes, configurando variantes incluídas no meio geográfico, social, etário etc.

A partir do ensino de língua portuguesa, dentro do contexto escolar onde a norma padrão é apresentada engessada, isto já se torna um problema, pois se

apresentada para os alunos, como forma única e correta à padronização que representa o ideal linguístico a ser seguido, por exigir mais formalidade e obter regras autônomas e fechadas.

A variação linguística já está contemplada pelo Parâmetro Curricular Nacional da Língua Portuguesa (PCNLP), em seção que sugere um ensino voltado para a compreensão de que é altamente importante orientar os alunos sobre variação nas aulas de português.

Diante disso este trabalho tem como principal objetivo investigar como se conduz a abordagem da variação linguística no livro de didático de língua portuguesa do ensino fundamental do 6º ano.

Atualmente, alguns livros didáticos em si já apresentam o ensino sobre variação, mas que não é suficiente, por não abordar a língua em seu tempo real. Isso seria outro problema a ser abordado com base nisto é importante que o professor de língua portuguesa acrescente mais conteúdos voltados ao ensino sobre variação, requer a posição e a consciência de cada professor de língua portuguesa. Cabe a ele mostrar para os alunos que o ensino de língua portuguesa vai além de regras gramaticais, visando mostrar que a língua é importante de certa forma como meio comunicativo e as variantes que nela se situam principalmente no português do Brasil.

Entendemos que o principal compromisso do professor de língua materna é com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades e de reflexão sobre a linguagem. Nesse sentido, a proposta de pesquisa aqui apresentada busca contribuir com o professor em sala de aula e com a forma a ser trabalhada a questão da variação linguística, através das propostas de produções textuais sugeridas nos livros didáticos do ensino fundamental. No entanto, é claro que o professor não deve se deter somente ao que está no livro didático, deve, também, mostrar novos conceitos sobre a variação linguística.

O livro didático não apresenta conteúdos voltados sobre variação de forma mais detalhada, deve também estabelecer métodos inovadores, visto que não é fácil elaborar muitas aulas dinâmicas, mas rebater de certa maneira a importância da variação linguística.

É interessante mostrar aos alunos esses diferentes tipos de dialetos e esse conhecimento, pois é de suma importância, pois existem aqueles que migram de um estado para outro e quando se deparam com uma cultura diferente, com sotaque diferente certamente vai pensar que a maneira de falar de determinado lugar não é

“correta”, ou mesmo pode acontecer desse aluno chegar à sala de aula e os demais alunos pensarem que ele fala “errado”.

No Brasil, fala o português esse português é falado de diferentes formas, dependendo de cada região e/ou cidade. Isto é denominado dentro do objeto de estudo sobre a variação linguística que é dividida em diferentes partes assim temos a variação lexical, variação fonética, variação morfológica, a diatópica e a diafásica. Todas elas situadas como objeto de estudos dos diferentes falares em diversas regiões do Brasil.

O modo de falar é característico de determinado estado ou de uma determinada região e envolve toda uma análise por trás da fala das pessoas, o que leva certamente o linguista a refletir. O professor deve mostrar para os alunos e dizer que existem sim diferentes formas de falar mais que nenhuma delas está errada.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Os estudos acerca das variações linguísticas

O português do Brasil, como um todo, é um sistema proponente de comunicação social e cultural, é uma língua que é falada e escrita em todas as regiões do país, mas que, de certa forma, apresenta variações e estas não impedem a interação entre os seus usuários:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística ou um fenômeno variável linguística ou um fenômeno variável, pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes a marca de concordância no verbo ou ausência da marca de concordância (MOLLICA, 2012, p.10).

É possível estabelecer sobre o fenômeno da variação, a mistura entre duas variantes bem como o verbo e o sujeito, que se torna um fenômeno variável. O contexto social e comunicativo entre as pessoas também é importante dentro da variação, no sentido de que a língua passa por diversas transformações com o passar dos anos, pois a necessidade de uso entre pessoas modifica certamente a forma como irão se comunicar.

Atualmente, quando se fala em variação, é comum fazer referência à sociolinguística. Essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua a fonética, a morfologia e a sintaxe e também no seu léxico (BELINE, p. 2012, 125).

A língua passa por diversas transformações de acordo com a necessidade de fala de determinada comunidade. O importante averiguar que a variação é uma forma de comunicação, o português falado em São Paulo é diferente do português falado no Rio de Janeiro por que apresentam sotaques e pronúncias diferentes, dentre as demais regiões do Brasil. Ressalte-se que esses diferentes falares tanto na pronúncia como nas diferenças de algumas palavras é algo típico já aderido dessas regiões, pois cada uma

delas tem suas características sociais e culturais, e, assim, deve-se situar em sala de aula essa diversidade.

Com base na teoria de (CARDOSO 2010) define-se variação linguística como diatópica, diageracional, diagenética, diastrática, e a diafásica. A variação diatópica é um tipo de variação em que uma mesma palavra pode aderi outro nome ou outro significado, dependendo da cultura local, pois o Brasil apresenta diversas regiões e que exprime diversas variedades linguísticas.

A variação diageracional, consiste na pesquisa da idade, ver as diferenças entre o falar dos jovens e idosos. A variação diagenética, estuda como objeto de pesquisa as diferentes formas linguísticas entre homens e mulheres. A variação diastrática é uma variação que apresenta entre um grupo e outro, como por exemplo, as gírias estão mais aderidas aos grupos de jovens e cantores de *rap*. Já a linguagem mais formal se situa em grupos de doutores advogados entre outros.

A variação diafásica está relacionada à forma de comunicação dentro de um contexto mais formal ou informal, consiste na ocasião em que o falante está inserido. Se o falante estiver em um contexto que requer formalidade como numa palestra ou apresentação de um trabalho escolar, usará uma linguagem mais formal, já se o falante está numa conversa íntima entre amigos, certamente utilizará uma linguagem informal.

Sobre estes conceitos dialetais, Cardoso (2010 p. 61) menciona:

[...] Diante do quadro esboçado e considerando-se o tratamento que todas essas variáveis vêm apresentando no curso da história dos estudos dialetais e, sobretudo, desde os seus começos, haveria de excluir-se com o Eclesiastes prólogo, 9 Nihil sub sole movam nada de novo sob o sol [...]

É importante ver que o quadro apresentado sobre variações linguísticas tem apresentado grande importância ao longo do tempo, podemos estabelecer que os estudos dialetais vem sendo abordado deste sempre e que requer alguns questionamentos sobre a língua falada. Existem muitos estudos sobre a língua, entre os principais teóricos destaca Ferdinand de Saussure, William Labov, Noam Chomsky e Mikhail Bakhtin, os quais descrevem diferentes concepções sobre o que é língua, de modo que se torna oportuno ressaltar o trabalho destes grandes linguistas por suas contribuições e importância até hoje para a literatura dentro dos estudos linguísticos, mais como o foco é o estudo da variação, podemos ressaltar sobre a língua portuguesa que “A língua

portuguesa proveio do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica” (COUTINHO p.46).

Apesar de as pessoas pensarem que a língua portuguesa veio de Portugal, pode-se dizer que o português de Portugal evoluiu de outra língua o português do Brasil nasceu ou estaria para nascer do português, ou seja, o português evolui e seria outra língua. Sim há uma diferença entre o português de Portugal e do Brasil, o nosso português tornou-se uma língua própria para o país que é o Brasil, o que visa mostrar as diferenças no português falado antes até os dias de hoje. O português foi sofrendo alterações no contato entre línguas na época da colonização:

É razoável supor que a fala da elite colonial e do império só tenha sido indiretamente afetada pelos processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas por meio do contanto dialetal com o português profundamente alterado falado por escravos, serviçais e subalternos em geral (RONCARATI; ABRAÇADO, 2008, p.373).

É indiscutível pensar que o português certamente, foi afetado na época colonial, quando o Brasil foi dominado por Portugal. Os escravos e os índios eram obrigados a falar a língua natural dos colonizadores, e isso se deu na transformação do contanto entre línguas, que aderiu influências indígenas e africanas. Conforme a língua passa por essas transformações, se dividiu entre a norma culta e a norma popular (padrão). Podemos dizer sobre norma culta, a fala de pessoas da corte do império bem sucedidas e a padrão para os escravos ou pessoas de baixa renda, de acordo com RONCARATI, ABRAÇADO (2008 p.373), pode-se dizer que:

Os avanços sociais do século xx e a democratização política da sociedade brasileira atenuaram essa clivagem sociolinguística, porém a manutenção de uma aviltante concentração de renda ainda divide a sociedade brasileira conservando nas grandes diferenças nas frequências de uso e nos contrastes dos sistemas de avaliação subjetiva a polarização da realidade linguística do Brasil entre uma norma culta minoritária e uma numerosa norma popular (RONCARATI; ABRAÇADO,2008, p.373).

Assim, percebe-se que essa divisão prevalece até os dias atuais, o que acaba gerando o preconceito linguístico, o que mais adiante será discutido. Além da língua foi trazida, também, a cultura africana e indígena. A cultura também faz parte da língua.

Com as influências indígenas, surgiram no vocabulário palavras que permanecem até hoje, bem como nomes próprios ou apelidos de pessoas, a exemplo de: Araci, Iracema, Cotegipe, Guaraciaba, entre outros. Já sobre as influências africanas as palavras que permaneceram foram nomes geográficos como Bangu, Iemanjá, candomblé, maracatu, entre outros.

As línguas africanas tiveram grande importância dentro do português do Brasil de acordo com Margarida José:

A relação entre o português falado no Brasil e as línguas africanas atraiu atenção dos estudiosos pelo menos desde o início do século XIX. Primeiramente pressuposta, depois afirmada, em seguida matizada ou negada, ela foi objeto de um vivo debate, desenvolvido, sobretudo no século XX, em termos seja de influências seja de semiocrioulização ou ainda de criolização (MARGARIDA JOSÉ p.15).

A construção do processo do debate entre a influência das línguas africanas trouxe grandes discussões, somente depois esta idéia foi aceita pelos estudiosos que assim se interessaram pelos estudos do português do Brasil altamente alterado pelas línguas africanas na época em que o Brasil pertencia a Portugal.

Houve discussão sobre o processo de criolização estabelecidas por alguns autores, uns defendem a ideia de que houve a criolização no Brasil e que seria a mistura de línguas, deriva sempre de um pidgin que não é uma língua natural, mas sim uma língua improvisada. Silva Neto (1950) Melo (1946) e Elia (1940), eruditos de sólida formação filológica, reexaminam a influência africana. Diminuem sua importância e introduzem no debate a hipótese da criolização.

Os autores mencionados discutem o processo de influência africana no português do Brasil, e começam a pensar no conceito de crioulização que poderia ter ocorrido. Guy (1981; 1989 apud. MARGARIDA JOSÉ, 2009, p.) ao discutir sobre o tema, menciona que:

trabalhando no quadro da teoria variacionista, analisou as diferenças existentes entre o português popular do Brasil e o português padrão. Concluiu que essas distinções não se devam a uma evolução linguística natural, mas mostram um processo de criolização que teria ocorrido no passado, deixando, entretanto, traços no presente.

O autor analisa o português popular do Brasil e o português padrão, defende que existiu uma língua crioula no país, que deixou traços até hoje em parte, cada um defende a hipótese de uma teoria. Então, deve-se respeitar a teoria de cada autor, e analisar cada uma, para se chegar a uma conclusão que seja mais próxima.

Por isso, é de grande importância destacar, nas aulas de português, um estudo mais amplo sobre a língua, pois como visto, atualmente, a língua está sendo apresentada de certa maneira para os alunos como uma gramática de regras, assim o nosso português fica empobrecido não como uma questão de se falar bem, mais sim de mostrar que a língua é rica na forma de diversos falares. Isso tornaria as aulas de português mais interessante e proveitosas, mas, infelizmente, o que se vê atualmente em sala de aula sobre ensino de língua, é a gramática normativa como forma única de falar certo. Tudo sobre variação foge do contexto aula de “língua portuguesa.”

2.2A variação linguística no livro didático de português

A variação linguística se destaca em diversas regiões do Brasil, o que se torna importante destacar, sobre variação são os diferentes falares que existem em cada estado brasileiro ou até mesmo averiguar a mudança linguística entre uma cidade e outra, que depende de como cada pesquisador irá analisar.

Sobre a variação no livro didático, de acordo com Bagno (2007, p. 132) “é muito frequente, nos materiais didáticos, a abordagem da variação linguística se restringir a fenômenos que poderíamos chamar de superficiais: o sotaque e o léxico.” Então o livro didático em si não trata com ampla clareza o que é variação, deixando vagos os diferentes falares que existem em diversas regiões do Brasil, excluindo o sotaque e o léxico e acaba não refletindo essas diferenças.

Desse modo, é preciso especificar mais essa abordagem, pois os alunos iriam conhecer melhor cada tipo de variação. O ensino de português, hoje, é uma disciplina de grande importância na educação, e quando vem acompanhado de um material didático, ou seja, o livro didático de português (LDP) proporciona também bons recursos. Segundo Bezerra (2001), o LDP surgiu nos anos 60 e continuou nos anos 70. Os textos literários eram valorizados, pois naquela época apreciavam como belo a escrita de autores renomados, e caberia aos estudantes escrever da mesma forma, era uma escrita diferente se comparada com os dias de hoje.

Devemos está atento a essas mudanças tanto na escrita como na fala, pois a língua está em constante mudança. Mesmo após seu surgimento, o livro didático de português, não estabelece o suficiente sobre as diferenças entre a forma de falar e outra. Os LDP trazem em suas propostas, textos narrativos, ilustrações, figuras e conteúdos sobre gramática, alguns conteúdos são bons, mais se torna insuficiente, de modo que, diante do material em mãos cabe ao professor de língua portuguesa saber apresentar de certo o que está no LDP e mostrar também as diferentes variedades regionais.

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais 'correto', mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.(BAGNO, 2007, p. 15).

É muito comum ver em tirinhas como a do Chico Bento, personagem cujo falar rural, se torna distante da realidade como as pessoas das zonas rurais realmente expressam sua fala. Portanto, é preciso quebrar este conceito de que os falantes urbanos falam melhor do que as pessoas que moram em zonas rurais.

Mais diante em meio a essa situação tudo se torna um problema se o livro não apresentar o suficiente, e reforça ainda mais a questão voltada ao preconceito linguístico, de que só existe uma forma de se falar, isto é, a norma padrão. Com conteúdos insuficientes sobre as diferentes variedades, isso acaba se tornando um problema, e este problema deve ser resolvido. Para isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 2000), sugerem como meio de ensino sobre a variação a seguinte forma:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatização, etc (Parâmetros curriculares nacionais p.32).

Desse modo, entendemos que a fala deve ser utilizada em situações que apresentam certa formalidade, para que assim os alunos possam analisar as diferenças de uso em termos de adequação. A disciplina de língua portuguesa é uma das mais

importantes e, com isso, o ensino de variação, deve ter um alto olhar de averiguação e está sempre em foco a essa questão.

Existe um nível mais profundo de variação linguística que em geral é pouco abordado: a variação morfossintática, ou seja, os usos diferenciados que cada grupo social faz dos recursos gramaticais da língua. E são alguns desses fenômenos morfossintáticos variantes os que deveriam se tornar o foco principal da educação em língua materna, porque da boa compreensão desses fenômenos vai depender todo o trabalho de letramento que a escola deve empreender com seus alunos (BAGNO, 2007, p. 132).

O estudo da variação morfossintática é o estudo da mudança linguística, e como podemos averiguar é de grande importância, pois apresenta com ampla clareza o estudo sobre a língua, que deveria de fato ser mais abordado de forma geral. O estudo sobre a variação linguística é um tema bem abordado pela Sociolinguística, e é incrível perceber como a variação se perde dentro do contexto ensino de acordo com Faraco (2008, p. 179):

Temos de reconhecer que estamos muito atrasados na construção de uma pedagogia da variação linguística. Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado.

Percebemos que a variação está perdida no âmbito escolar e é muito vago e superficial, e o que se torna mais vergonhosa é que, de certa forma, acaba sendo usada inadequadamente. A língua, como já sabemos, é usada como meio de comunicação mundialmente. Cada país tem um idioma e cada idioma tem variações. No Brasil, a grande diversidade de falares é rica e isso se torna incoerente é importante no ensino de língua, pois proporcionaria mais aprendizado e respeito entre os diferentes tipos de falares representados pelas pessoas que habitam em diferentes regiões do país.

O livro didático, de forma geral, surgiu como um recurso para ajudar no ensino e de certo proporciona um papel importante na educação, Segundo Correa (2000, p. 11):

Primeiro, tratar-se de um tipo de material de significativa contribuição para a história do pensamento e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que, simultaneamente à historiografia

da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social.

Notamos que o livro didático também tem um contexto histórico e vem como bom recurso na educação, apesar de tantas transformações ao longo dos anos, podemos situar também a importância no ensino em que esse material vem proporcionando atualmente. Observamos tratar-se de um bom recurso para os professores, mais que de fato precisa se estabelecer melhorias principalmente no ensino de variação.

O ensino da língua portuguesa possui muitas questões, ainda, a serem estabelecidas, pois ele é apresentado para os alunos como forma única e correta na gramática normativa. O ensino da escrita exige que se escreva correto e com ampla clareza, bem como a escrita da época de grandes escritores da literatura brasileira como Machado de Assis, e quanto ao ensino de leitura é apresentado como meio de decodificação, posto que, os alunos sabem ler mais não sabem dizer o que acabaram de ler, ou seja, falta a interpretação de textos.

Assim, todos estes questionamentos tornam-se um problema no caminho para ensino da língua portuguesa, problema estes que devem ser abordados pelos professores requer a consciência de cada um, como já foram situados com o surgimento dos PCNS, parâmetros curriculares nacionais que ajudam em alguns problemas que surgem na educação.

Em inúmeras vezes, podemos dizer que não estão sendo praticadas as soluções estabelecidas pelos PCN, principalmente a questão voltada para o ensino de variação, no ensino de língua portuguesa. É preciso que, de forma geral, cada professor se conscientize sobre essa abordagem.

O ensino de língua se analisar é uma questão importante para se trabalhar nas aulas de português não excluindo a gramática e nem outros assuntos de português, mas é preciso mostrar um pouco da história da língua, para que os alunos compreendam melhor em seu tempo real e as diferentes variações que existem hoje, com todo esse contexto histórico que a língua portuguesa apresenta os fatos antigos não são abordados atualmente nos LDP e uma delas é a questão do Português Brasileiro (PB) e o Português europeu (PE) que de acordo com Duarte (2001, p.54):

Além de mostrar que a língua escrita é variável, os dados aqui exibidos revelam ainda que nós temos uma descrição eficaz e realista da norma culta escrita. Poucos são os corajosos que assumem a

realidade da mudança linguística e deixam de atribuir as diferenças entre norma culta brasileira e a européia a uma mera questão de estilo formal versus informal. E, enquanto esses fatos não forem registrados por nossas gramáticas, a partir dos dados da escrita padrão, os professores continuarão a se sentir entre a “cruz e a espada”, e, com receio dos concursos e vestibulares, vão acabar por ignorar o uso efetivo em favor de um uso idealizado.

Por uma questão de exigir certa formalidade tanto na forma de falar quanto na escrita, e que não está sendo registrados nas gramáticas, os professores acabam tendo receio de apresentar a mudança linguística ao custo que deixam de atribuir essas diferenças. Os LDP representam um bom material para o ensino, mas é preciso rever essas questões sobre a língua que estão sendo atribuídos nos materiais didáticos, a exemplo da norma padrão e da norma culta.

As diferentes variedades linguísticas, como já foram abordadas, tem que ser situadas de forma mais clara, mostrar o novo e não ficar somente na prática de um ensino que apresenta a língua como forma única - a padrão, bem como a maioria dos autores dos livros didáticos conforme Bagno (2007) são da região sul e sudeste que acabam utilizando a linguagem dessas regiões, o que configura a exclusão de outras variedades que não são representadas no livro didático, analisando está situação o ensino de variação não está sendo bem visto e muito menos abordado como deveria, de acordo com Faraco (2008 p.179):

Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade lingüística, nem a violência simbólica que a atravessa.

Podendo dizer que a variação linguística é importante dentro do contexto da diversidade brasileira, mas como ainda está sendo tratado de maneira vaga, o ensino da língua vai persistir na ideia de que só existi uma forma de se falar o português, sendo assim é preciso analisar e botar em prática, por que somente discutir e sugerir não vai adiantar, de forma geral procuramos bons resultados para ensino de língua portuguesa.

3 ANÁLISE

O livro “*Português Linguagens*” de Willian Roberto Cereja e Teresa Cochar Magalhães (ano 2017 2018 2019 9º edição São Paulo, 2015) apresenta, no segundo capítulo da primeira unidade, a seção “A língua em foco”. A partir do tópico “construindo o conceito”, com uma tirinha de Fernando Gonsales, na página 39, há uma representação de um dialogo entre um papagaio e uma mulher, com destaque para as seguintes palavras: “bicicreta, cocrete e cardeneta”.

A mulher, ao perceber que o papagaio não pronunciou corretamente as palavras, resolve devolver o papagaio ao dono que responde da seguinte maneira “argum pobrema?”. Notamos a partir do estudo para as reflexões, que o autor quis abordar critérios de variação lexical, que pode ser também trabalhado na seara da analogia fonética.

A seleção de textos que retratam eventos de interação é um importante recurso do que é permissivo e cabível para a composição de um livro didático. Sugerimos a expansão metodológica que leve em conta realizações real da língua para que um diálogo com o corpus oferecido pelo manual não vete possibilidades estandardizadas de reflexões e discussões.

A combinação das falas do papagaio e do personagem que, era seu proprietário, revela que o contato linguístico possibilita o compartilhamento de ideais que estabelecem o reconhecimento de um indivíduo em uma comunidade linguística: há uniformização dialetais que radiografam as escolhas de ordem fono-lexicais específicas de uma determinada região.

O manual do aluno não sinaliza que, a partir da tirinha, questões possam surgir no momento da interação do conteúdo correspondente às abordagens que são caras à constituição desta pesquisa.

Quando partimos para as questões – lançadas para resolução – percebemos, já no primeiro exercício, que a abordagem inicial é ancorada pelo humor que encerra o contexto de produção e recepção do gênero tirinha. A menção à reflexão de ordem lexical se faz secundária e, sem nenhum propósito de reflexão para análise linguística,

propõe-se casuística (nos termos de Ilari e Basso, 2009), com a intenção de correção dos termos abordados como “desvios” do padrão.

O segundo exercício ainda não sinaliza, veementemente, a questão da variação. Verificamos tal recorrência no terceiro. Hipotetizamos que, diante disso, é necessária a prática da transposição didática e, ainda, habilidade do professor para entronizar uma problemática que permita o exercício de reflexão inicial sobre a diversidade linguística.

Na continuidade da seção, o tópico “norma-padrão e variedades de prestígio” (p.40) levantam a concepção sobre norma, devidamente condizente ao que preconiza os estudos de variação. O que esperamos foi a aparição do termo “variante culta” que, geralmente, apresenta-se, também, como norma, em algumas equivocadas abordagens. Quando os autores escolhem defini-la como um “modelo, uma referência que orienta usuários de uma língua”, acerta em relação à aproximação do que é estabelecido como ideias procedurais (convencionais) e abre a possibilidade para que o aluno possa entender os percursos que levam a outras normas (linguísticas).

Cereja e Magalhães (2015, p. 40) corroboram os postulados de uma teoria de variação interacional quando defendem que é claro que a norma padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua, sempre que precisam usar o português de modo mais formal.

O conceito de norma padrão utilizado pelos autores do LDP se vincula com o proposto nos PCNLP, uma vez que diz respeito ao papel da escola, que é ensinar o aluno a utilizar linguagens em situações específicas, modulando formalidades em situações como conversas, entrevistas, debates, apresentação de seminários, entre outras. (BRASIL, 1998, p.32).

Mesmo abordada como variedade, o manual traz o termo, norma culta, explicando que esta é utilizada por pessoas mais escolarizadas ou de classe média alta Faraco (2008) rechaça esse tipo de escolha de tratamento no que diz respeito a uma abordagem que seja fidedigna ao que preconiza a Sociolinguística variacional. Há, também, uma tímida abordagem sobre a questão do preconceito linguístico quando afirmam “você deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra” (CEREJA & MAGALHÃES p.41). Avaliamos que tal reflexão choca com a escolha do texto inicial, pois não dialoga com a postura da personagem que, supostamente, adquiriu o papagaio. Precisamos –

alunos, estudantes, pesquisadores – ser coerentes com relação as nossas escolhas teórico-metodológicas por que elas espelham a propriedade com que desenvolvemos certas temáticas.

No tópico sobre “tipos de variações” (p.42) detectamos uma abordagem de variação relacionada aos falares do Chico Bento como representação de uma língua caipira. Não há aqui uma preocupação em discriminar as diferenças entre os diversos falares do nordeste como atestam os atlas linguísticos regionais. Além disso, os falares do norte parecem inexistentes já que não se encontra nenhuma menção a variedades próprias dessa região. (BARBOSA, 2016, p. 165)

Além dessa abordagem reducionista, Há, como aborda Barbosa (2016) uma retratação da língua falada sob o prisma da escrita, vista como padrão, e, ainda, tratam essa variedade de forma desprestigiada e desrespeitosa com os falantes que se identificam com essa forma de falar. Esse procedimento não promove uma reflexão acerca do uso da língua e nem uma conscientização efetiva sobre o preconceito linguístico.

Em relação ao tópico “Oralidade e escrita” os autores conceituam a língua oral como uma língua mais espontânea e a língua escrita mais rígida. Em termos de adequação das palavras, os autores priorizam que a escrita em seu nível estrutural, hegemônico, quando relatam que hoje em dia “a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais” (CEREJA & MAGALHÃES, 2015, p.43).

Saber ler e escrever, quando se tem como caras algumas questões de letramento no tratamento do desenvolvimento de habilidades linguísticas, não competências suficientes para que os indivíduos compreendam que devem aceitar e entender que na radiografia dos falares brasileiros, existem diversas formas que se estabelecem isoglossicamente, como registros linguísticos das comunidades que formam nosso sistema de língua.

Outra questão abordada neste manual didático que de certo não fica claro é sobre a variação diastrática. Os autores abordam no tópico gírias (p.44) exprime que as gírias estão inseridas dentro de grupos como “o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc.” Usam na fala certas palavras e expressões que lhe são próprias. Ao incluir gíria a fala dos policiaes acabam discriminando e excluindo o jargão que é outro tipo de variedade que

está inserida no meio profissional formal, ou seja, é uma linguagem pouco conhecida dentro das profissões como medicina direito economia entre outros, e de que somente as pessoas que estão inseridas dentro desse grupo podem compreender. (BARBOSA, 2016, p. 164)

O que vimos até agora foi um resumo teórico e analisado sobre a questão de variação linguística, uma vez que os textos e algumas propostas de atividades levam o aluno a refletir sobre variedade linguística de forma minimalista.

É preciso, como educadores, estarmos preparados para as diferenças linguísticas que possam existir, também, no espaço escolar, pois esse tipo de postura possibilita novos conhecimentos sobre a diversidade linguística de nosso país, e enfrentaria de certa maneira o preconceito linguístico que pode surgir entre os alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático torna-se uma importante ferramenta na sala de aula, pois tem como objetivo possibilitar bons resultados no ensino de língua materna. Esta pesquisa foi realizada de maneira exploratória e explicativa. A importância desse tipo de pesquisa está em fornecer informações acerca de como está sendo abordado o ensino de variação linguística dentro do livro de didático de língua portuguesa do 6º ano, do ensino fundamental e busca pontuar os pontos positivos e negativos, assim como o que permitiu também a busca de novas propostas no ensino de variação.

A língua portuguesa é uma importante disciplina e ainda se encontram grandes dificuldades em relação à sua aprendizagem. Acreditamos que tais problemas estejam relacionados às práticas de ensino tradicionalista que optam por uma abordagem gramatical, normativa e puristas como formas únicas e corretas no tratamento linguístico.

A partir dessas questões, é preciso repensar a aprendizagem linguística como práxis que possibilite a compreensão de que o Brasil é rico em variedades linguísticas e desvalorizar a história da língua e a cultura de cada região é simplesmente criar um tipo de preconceito que acaba sendo uma desvalorização cultural e uma triste realidade cultivada em sala de aula. É preciso aderir em sala de aula um ensino de variação detalhado para que os alunos compreendam melhor sobre o uso da língua.

A língua não está somente na fala, mas também dentro da escrita, como análoga às construções fonéticas, representada em códigos. Atualmente, essa forma de comunicação é muito importante, e isso despertou, desde o início, a importância da linguagem relacionada aos diferentes tipos de falares em diversas regiões do Brasil, e também abordar essa temática dentro do livro didático de língua portuguesa.

Inferimos que o resultado desta pesquisa foi eficaz perante a análise da abordagem da variação linguística inserida dentro de um capítulo do livro didático do 6º de língua portuguesa do ensino fundamental, ainda que os resultados obtidos não sejam totalmente os esperados diante do ensino de variação, visto que há ainda muito a se pensar sobre esta questão.

Neste sentido, esta pesquisa não tem como propósito desvalorizar os trabalhos e as pesquisas dos autores que abordaram este tema no referido manual didático analisado, mas sim, alertar sobre essa temática, no sentido de mostrar a necessidade de

serem concertados alguns erros, e, acreditamos que isso mude e que apresente uma visão mais coerente, pois existem vários tipos de variações linguísticas em nosso país.

Devemos pensar também que a variação não existe somente na língua portuguesa, mas sim em diversas outras línguas mundiais, por isso, deve-se aprofundar mais nesse tipo de pesquisa aplicada em sala de aula, para que futuramente a língua não seja tratada de maneira vaga e/ou com postura preconceituosa principalmente em relação às regiões do Norte e Nordeste brasileiro, caracterizadas como pobres, vítimas contínuas da seca e sem recursos suficientes voltados para a educação.

Sabemos que este tipo de preconceito linguístico se prolifera em outros estados brasileiros, e as pessoas acabam não pensando nisso e deixam de mostrar o que tem de melhor em sua cultura, como as comidas, as danças, os costumes e principalmente a forma de comunicação que é a forma de falar que existe em cada região do Brasil.

Valorizar e aprimorar o que tem de melhor na língua e na cultura brasileira é simplesmente mostrar o quanto o Brasil é rico tanto na parte cultural como nos costumes, danças e na linguística que vem acompanhada dentro desses costumes que apresenta um contexto histórico cultural.

A pesquisa sobre análise da variação no livro didático foi utilizada com citações de autores que ajudaram a completar o trabalho sobre a questão de variação abordada no livro didático pelo qual cada um obtinha sua opinião. Apesar das grandes dificuldades que se encontra no ensino de forma geral, o que se espera no ensino de língua portuguesa, é um ensino original somente do uso da língua em questão, mas sem deixar de lado a gramática, ou seja, mostrar para os alunos o uso da língua em um momento mais formal como apresentação de trabalho em sala de aula ou fora dela, e mostrar essa diferença quando estamos num momento íntimo com pessoas próximas, é claro mostrar os diferentes tipos de variações que existe no Brasil, pois a língua portuguesa faz parte de um contexto sócio cultural. A pesquisa abordada teve como propósito ajudar o professor em sala de aula de como lidar com ensino de variação, e apresentar outros tipos de variedades linguísticas sem excluir os conceitos gramaticais.

APPROACH TO LINGUISTIC VARIATION IN THE PORTUGUESE
LANGUAGE TEACHING BOOK

ABSTRACT

The linguistic variety is present in Brazil in order to ratify the diversity that involves pluralities in the speeches of our nation. Therefore, is important to define this question in the classroom, radiographing a real use of the Portuguese language. The present work, in this line of thinking, has the objective how to elucidate the approach of linguistic variation in textbook of Portuguese in high school. For the development of this research, was necessary the studies of the following theorists: BAGNO (2001), CARDOSO (2010) MOLLICA (2012). This theoretical scope served also to better understand how the concept of cultured and standard norm is being worked out and how the types of variations are presented in the proposals of this teaching context. This is a descriptive exploratory research, in which it seeks to show a more complete reality of the different types of variations that exist in Brazil.

Keywords: Variation Theory, Linguistic variation, Book didactic, Portuguese language teaching.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 52.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

BARBOSA, Jackson C. F. **Geolinguística brasileira e ensino de língua materna: diálogos com o livro didático de português**. In: NÓBREGA, Carmen Verônica de A. R.; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima; BRANCO, Sinara de Oliveira; FARIAS, Washington Silva de. (Org.). *Educação linguística e literária: discursos, políticas e práticas*. Campina Grande: EDUFPG, 2016, v. 01, p. 149-173.

BELINE, Ronald. **A variação linguística**. In: FIORIN, JL. **Introdução à linguística: Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 121-139.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COUTINHO, Ismael de lima **Pontos de gramática histórica**- Rio de Janeiro: Ao Livro técnico 2005.

CORREA, Rosa Lygia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pjhtQalyofEJ:www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/Cj5GgE6L.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b Acesso: março 2017.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Ensino da língua em contexto de mudança**. Cadernos do IV Congresso de Linguística e Filologia, Vol.4, no. 12, 2001, p. 51-61. UERJ.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Português: língua e cultura**. 1.série. 2.ed. Curitiba : Base Editorial, 2010.

_____. **Português: língua e cultura.** 2.série. 2.ed. Curitiba : Base Editorial, 2010.

_____. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

MOLLICA Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In:- Braga, Maria Luzia (org.). **Introdução à sociolinguística.** 4 ed. São Paulo, 2012. p.9-14.

PETTER, Margarida. FIORIN, José Luiz. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo : Contexto, 2009.

PIETROFORTE, A. V. **A língua como objeto da linguística.** In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística:** objetos teóricos. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2013, p. 75-93.

RONCARANTI, Claudia. ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e histórica.** Niterói :EDUFF, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 196

ANEXOS

2. Você já imaginou como seria a história *A Bela Adormecida* se a moça sofresse de insônia? Ou se em *Chapeuzinho Vermelho* o lobo fosse vegetariano? Ou se em *Branca de Neve* a moça odiasse maçãs? A exemplo do conto "O patinho bonito", escolha um conto maravilhoso e recrie-o, fazendo as alterações que quiser. Você poderá, por exemplo, inverter as características de uma personagem ou adaptar a história aos dias de hoje.

Planejamento do texto

Ao redigir seus contos, leve em conta as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você irá desenvolver.

Revisão e reescrita

Faça um rascunho e só passe seu conto a limpo depois de realizar uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você desenvolveu.

A língua em foco

AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007.)

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
- Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - Como provavelmente ela diria essas palavras?
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
- Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

CONCEITUANDO

O cartunista Fernando Gonsales, para criar humor, explorou em sua tira a diversidade linguística que existe no Brasil. Como nosso país é muito grande e desigual, com Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, com gente vivendo no litoral, na floresta, nas grandes cidades, em povoados ou na roça, é natural que a língua portuguesa sofra variações, que constituem as **variedades linguísticas**.

Além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão e grau de escolaridade. Por exemplo, uma pessoa mais velha do que nós ou que exerce uma determinada profissão pode usar a língua de uma forma diferente da nossa.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

Norma-padrão e variedades de prestígio

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Com a Internet, até mesmo a forma de escrever as palavras tem se modificado.

Justamente para evitar que cada um use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de "lei" que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

É claro que a norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua a, sempre que precisam, usar o português de modo mais formal.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensinar todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

Quantas línguas existem?

Já existiram 10 mil línguas diferentes no mundo, número que com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje existem 6.700 línguas vivas e apenas 250 delas contam com mais de 1 milhão de falantes. Possivelmente existem outras línguas, faladas por habitantes de lugares inóspitos, ainda não descobertos. A divisão de línguas por continentes é a seguinte:

Ásia 2.165

África 2.010

Oceania 1.300

América 1.000

Europa 225

Estima-se que metade dessas línguas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos - Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.)



As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de "lei" que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.

Varição linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

Falar bem é falar adequadamente

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2006.)

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
 - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

A tira cria humor a partir do conceito de adequação e inadequação das roupas. Com a língua não é diferente: variamos o emprego da língua de acordo com a situação.

Em situações mais formais, empregamos uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Em situações informais, empregamos igualmente uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras da norma-padrão.

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional.

Enfim, todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.



Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.

A língua portuguesa no mundo

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.



(Chico Bento, nº 424.)

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer "quiria" em vez de **queria** e "sê" em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de "discurpa" em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o **l** é trocado pelo **r**: "arto" (alto), "parmo" (palmo), "lençor" (lençol), etc.

Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de "bicicreta", "cocrete" e "cardeneta" é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

Diferenças históricas

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora
Chora porque não tem
Vintém.
Menina que está na roda
Parece uma toleirona,
Bohona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

O português na Ilha da Madeira

O brasileiro que vai à Ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

abelhinha: automóvel, táxi

à pata: a pé

canalha: conjunto de crianças

catchu: bola de futebol

fazer ramelas: fazer inveja

joeira: papagaio, pipa

menino: pessoa inteligente, esperta

penca: nariz



Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

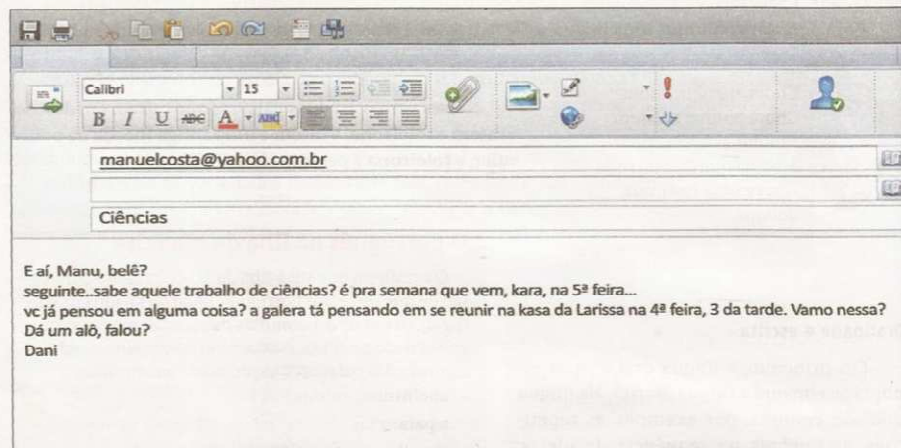
Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos.

Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiramente porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de *e-mails*, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha**, **safado**, **pra caramba**, **dia de cão**, **é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este e-mail:



A informalidade que se nota no e-mail se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu**, **belê**, **pra**, **tá**; no uso de gíria, observada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara** e **kasa**.

A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.

Gírias antigas

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

bafafá: confusão

bicho: forma de tratamento

boko-moko: pessoa que não sabe se comportar

carango: carro

chuchu beleza: bom, bem-feito

cri-cri: chato

nos trinquês: ótimo, certo

plá: conversa

prafrentex: avançado

tá ruço: está ruim

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.